



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1065

ALTA-COSTURA OU PRÊT-À-PORTER? A EXPERIÊNCIA DO COSTUREIRO DENER PAMPLONA DE ABREU NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970

Débora Russi Frasquete¹
(La-Moda, UEM)
Ivana Guilherme Simili²
(La-Moda, UEM)

Resumo: No Brasil, a produção de roupas, como bens culturais da moda, sofreu mudanças significativas entre os anos 1960 e 1970. O sistema produtivo do prêt-à-porter (produção em massa), pela indústria da confecção, altera as dinâmicas do consumo. Face às mudanças, a moda de luxo praticada pelos costureiros da alta-costura redefine-se. São as estratégias desenvolvidas por um dos representantes da moda que vestia as mulheres ricas do país que o texto focaliza. Seu nome? Dener Pamplona de Abreu (1937-1978). Como costureiro considerado criador de uma moda nacional, seus principais traços no estilismo foram a incorporação de particularidades brasileiras nas roupas, como estampas, tecidos nacionais, assim como considerando em suas criações o clima brasileiro que muito diferia do europeu – enquanto utilizava a elegância como motivação, busca incansável à boa estética, da qual faziam parte as vestimentas, a maquiagem e os acessórios. Assim, conquistou a sociedade brasileira, em particular, o gosto das mulheres da elite, transformadas em clientes. A clientela fez a diferença em seu percurso. Por meio dela projetou o Brasil como produtor de alta-costura que tinha identidade nacional. Nessa construção identitária cruzou os tecidos, as cores e o design com o biótipo da brasileira. Porém, os anos 1970, marcam o fim dos anos áureos da alta-costura. Para costureiros, como Dener, as novas dinâmicas do mercado ditadas pelo prêt-à-porter significaram adequações e mudanças nas estratégias de produção e consumo. Diversas foram as iniciativas do costureiro afim de manter a alta-costura nesse período de transição que a moda brasileira presenciava. Além de incentivar a criação da Câmara de Alta Costura Brasileira, Dener participa de publicações periódicas em jornais como Correio da Manhã e revistas como Manequim, assim como lança em 1972 um dos símbolos de suas estratégias: o Método de Corte e Costura que se propunha a ensinar moda para mulheres. Ensinamentos sobre como fazer roupas, o que usar e como se tornar elegante compõem a coleção do Método, organizado em três volumes. Associado às narrativas biográficas de Dener, neste texto, nosso olhar se volta para as décadas de 1960 e 1970, devido as iniciativas do

¹ Mestranda na linha Fronteiras, Populações e Bens Culturais do Programa de Pós-Graduação em História (PPH-UEM).

² Doutora em História, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp-Assis, professora de Metodologia e Técnica de Pesquisa e integrante da linha de pesquisa Fronteiras, Populações e bens culturais do Programa de Pós-Graduação em História (PPH-UEM) e coordenadora do La-Moda, Laboratório de Estudos e Pesquisa em História, moda e cultura.

costureiro em manter a alta-costura em meio a esse período de transição que a moda brasileira presenciava. Iniciativas percebidas como recursos do costureiro para a autoafirmação da elegância e da alta-costura, que mostram seus esforços para a manutenção de um período histórico que estava se modificando, dando lugar aos poucos à modernidade produtiva da moda.

Palavras-chave: Dener; Alta-costura; Prêt-à-porter; 1960; 1970.

INTRODUÇÃO

Como costureiro e estilista, Dener projetou-se na moda brasileira nas décadas de 1950, 1960 e 1970 e, por isso, traz em sua trajetória os caminhos por ela percorridos. Em linhas gerais, no final dos anos 1950 e na década de 1960, momento em que a moda seguia apenas os ditames internacionais, o estilista envolve-se com o projeto de criação da moda nacional. Nascido em 1937, Dener, paraense, inicia sua vida profissional em 1948, na casa Canadá, no Rio de Janeiro, com apenas 13 anos. Levado para trabalhar em São Paulo, o estilista começa a ganhar reconhecimento, abrindo seu próprio ateliê aos 21 anos de idade, na Praça da República. A partir de 1958 então, Dener passa a vestir clientes famosas, inclusive a primeira dama, Sarah Kubitschek, sendo premiado em 1959 com a Agulha de Ouro e de Platina, no Festival da Moda promovido pelas Indústrias Matarazzo-Boussac. (DÓRIA, 1998, p.168). A década de 1960 se apresenta como um período de grande reconhecimento do estilista, sendo Dener o responsável pelo guarda-roupa da então primeira-dama Maria Teresa Goulart. Na mesma década, em 1968, o estilista cria a primeira Grife de moda nacional, marcando a evolução da indústria da moda no Brasil. Segundo o próprio Dener, “Eu criei a moda brasileira, um estilo próprio, nosso, que fez com que as grandes senhoras do país não precisassem mais se vestir na Europa” (DÓRIA, 1998, p.68).

Os anos 1970, porém, marcam o fim dos anos áureos da alta-costura e com isso uma tentativa do estilista em manter esta prática de produção, mesmo com as mudanças que o período vivenciava. Uma relação de amor à alta-costura, e descontentamento com o prêt-à-porter. Nesse sentido, algumas iniciativas são encabeçadas por Dener a fim de manter a alta-costura ativa. Tentativas como a de implantação da Câmara de alta-costura, a divulgação de seus modelos nas mídias impressas, o lançamento em 1972, do livro autobiográfico **Dener - o Luxo** e do **Curso Básico de Corte e Costura Dener** no mesmo ano, aparecerem como recursos do estilista para a autoafirmação da elegância e da alta-costura. É nesta

década também, que se inicia um processo de decadência do costureiro. O avanço significativo da produção do pronto-para-vestir influencia significativamente o processo de produção vigente, e ainda que Dener tenha tentado se inserir nessa nova demanda, o estilista desativa seu ateliê em 1976 por falta de clientes, vive tempos difíceis, e morre dois anos depois, em 1978, com 41 anos de cirrose hepática.

Escrever sobre todas as iniciativas de Dener que objetivavam a manutenção da alta-costura, é um trabalho minucioso, visto que muitas foram as formas de reafirmação desse processo produtivo por parte do costureiro. O objetivo não é esgotar o assunto e sim iniciar uma reflexão a respeito da importância dessas iniciativas para o período, a fim de compreender esse momento de transição em que se encontrava a moda. Isto posto, o artigo tem por objetivo examinar a relação do costureiro com o prêt-à-porter e a alta-costura, a fim de entender suas iniciativas para a manutenção da produção de bens culturais da moda, pela forma da alta-costura. A análise é possibilitada pelas informações disseminadas pelas mídias impressas, como o jornal carioca Correio da Manhã, assim como a Revista Manequim, em menor escala, compreendendo-os como documento de história do comportamento, assim como materiais publicados pelo estilista, sejam suas biografias ou materiais didáticos, visto que em todas essas formas de divulgação, Dener apresentava opiniões e reforçava além da sua imagem, o seu amor pela alta-costura.

Circunscrevemos a análise à 1960 e 1970, por considerarmos que no período os investimentos na difusão da prática de costura doméstica, da alta-costura é significativa, incentivando a produção de vestimentas contrariamente à tendência de produção prêt-à-porter. Período de transição na produção de vestimentas, modernização da moda, que faz emergir novos conhecimentos e novos usos das roupas. As iniciativas encontradas visavam difundir e incentivar a prática de costura da alta-costura, refletindo uma tentativa de manutenção da prática em um período em que a produção do pronto-para-vestir emergia e ganhava novos adeptos a cada dia.

Alta-costura versus prêt-à-porter

As mudanças presenciadas pela moda nas décadas de 1960 e 1970, se veem refletidas na trajetória de Dener, principalmente por ser um período em que há a necessidade de readequação da moda, com as mudanças no consumo, a perda de espaço da alta-costura e conseqüentemente luta dos estilistas por manterem seu espaço. Dener acreditava numa moda de luxo e elegância. Conceitos que quando relacionados à costura permeiam as fases de construção da vestimenta. Trabalhos manuais valorizados, moldes bem traçados, costuras bem feitas, detalhes de construção que faziam a diferença no produto de moda final. Mas como escreve Dória (1998, p.17) “[...] Dener foi vítima desses mesmos caminhos que desbravou. Ao massificar o assunto “moda”, ela lhe escapou das mãos quando a alta-costura teve que ceder passo à invasão do *prêt-à-porter* e aos *jeans*”

Dener viveu uma dualidade em ambas as décadas. A relação da alta-costura e do *prêt-à-porter* se faz presente na trajetória do estilista, visto que ao mesmo tempo em que aderiu a criação e produção do pronto-para-vestir sua predileção pela alta-costura se fazia marcante. Sobre isso o estilista escreve em sua autobiografia,

Por que forço a alta costura? Porque a alta costura é o laboratório da moda de um país. A alta costura inspira os modelos, mexe a engrenagem de todo o mundo da moda, lança padrões, estilos. Nenhum país tem moda própria, se não tiver uma excelente alta costura (ABREU, 1972b, p.113).

Para o costureiro, a alta-costura é o que movimenta a indústria da moda, e reforça a sua importância para a moda brasileira, assim como a necessidade de valorização que esta forma de criação e produção necessitavam, visto que no período, segundo este, pouco incentivo se dava aos profissionais criadores de alta-costura. Para ele a moda nacional tinha potencial, e devido a isso escreve:

Não quero dizer com isso que acho que os nossos figurinistas estejam em condições de concorrer com os criadores de moda europeus. Lá eles contam com uma poderosa máquina promocional para ajuda-los. Os franceses chegam a receber subvenções governamentais para a alta costura e polpudos financiamentos para a parte de pronto para vestir. Enquanto que entre nós os figurinistas ficam mesmo no que recebem das clientes e olhe lá... (CORREIO DA MANHÃ, 1970a)

Dener aproveita a Coluna semanal Bela do jornal Correio da Manhã, em que publica seus desenhos e suas opiniões, para expressar sua insatisfação com o valor dado pelo governo à alta-costura brasileira, e principalmente aos profissionais que a

fazem possível. Sua comparação à França se valida devido ao país ser reconhecido mundialmente por sua alta-costura, e servir de inspiração e referência a todos os costureiros. Ainda que houvesse o prêt-à-porter, a alta-costura se mantinha fortalecida como formadora de costumes, como criadora de moda. Com a afirmação do prêt-à-porter, a alta-costura brasileira presenciava ao contrário da francesa, um processo de decadência, e ainda que Dener vivesse dos louros de seu grande sucesso, o costureiro precisou se inserir nas novas tendências de produção. A respeito dessa dualidade em seu trabalho, focado na alta-costura, mas sem dar-se ao luxo de negar o pronto-para-vestir, o estilista escreve,

Eu sou talvez o costureiro mais caro do Brasil, mas a minha casa de alta costura dá prejuízo. O que eu gasto de material, em pessoal e em tempo, não compensa o que eu peço por uma roupa. Se dedicasse todo o meu tempo à indústria de moda, ganharia dez ou vinte vezes mais. Além disso não precisaria de todo o esquema de promoção que tenho em volta de mim. Seria apenas um industrial como uma porção de outros (ABREU, 1972b, p.113).

Essa citação apresenta diversos elementos de análise. Primeiro, Dener deixa claro que seu ateliê de alta-costura lhe dava prejuízo, mais uma prova de que na década de 1970 a alta-costura já não tinha o mesmo reconhecimento e valor que teve anteriormente. Essa dificuldade financeira já é vista no final da década de 1960, quando Dener é acusado de não pagar corretamente seus funcionários. No período de governo de Marechal Humberto Castelo Branco (1964-1967), o ministro do Planejamento, Roberto Campos, adotou uma política econômica anti-inflacionária que, teve como consequência o desemprego e o arrocho salarial. Entre 1964 a 1967, centenas de pequenas empresas decretaram falência. No jornal Correio da Manhã, de 21 de janeiro de 1967, a questão de falta de pagamento de salários de empregados por parte de Dener, se torna notícia. Assim escreve o jornalista, “

De um momento para o outro a notícia apareceu ontem, ameaçando abalar as teses econômicas do Gôverno de que pelo menos no campo da moda e da alta-costura as coisas vão bem: Dener, o *soi disant*³ mais famoso costureiro do País, não está pagando em dia seus empregados (CORREIO DA MANHÃ, 1967).

Segue o jornalista a narrar a notícia: “Mas como? – Perguntou o sr. Roberto Campos, hoje à tarde em seu gabinete refrigerado, quando soube da notícia. O

³ *Soi disant*: supostamente [tradução nossa]

consumo conspícuo no Brasil não tinha outra alternativa senão continuar aumentando, e agora vem esta figura comprometer as nossas previsões?” (CORREIO DA MANHÃ, 1967).

Para o sr. Roberto Campos, Dener estaria indo contra as ideias governamentais a respeito do aumento do consumo, aliado às iniciativas do governo de incentivar investimentos estrangeiros no país, exportações, assim como a produção interna de bens duráveis, a fim de ampliar o mercado consumidor. Porém é notável pela publicação, que em 1967 as consequências da política anti-inflacionária de Roberto Campos, se veem refletidas também na indústria de consumo de moda. Escreve o jornalista que,

[...] a indignação do responsável pelo planejamento do País não foi suficientemente grande para evitar a verdade: o sr. Dener Pamplona de Abreu não pagou o 13.º salário, não está pagando férias aos empregados e já está com cinco processos na justiça do trabalho, todos por falta de pagamento de empregadas. E o nosso Dener está agora obrigado a responder ao presidente do Sindicato dos Alfaiates e Costureiras de São Paulo que fez severas críticas ao seu comportamento, como patrão (CORREIO DA MANHÃ, 1967).

Questões acerca da decadência da alta-costura também pedem reflexão. Será que, como escreve o jornalista, Dener deveria receber severas críticas a respeito de sua postura como patrão ou essa notícia seria a ponta de um iceberg, na crise que enfrentaria a alta-costura? Como para esse artigo, nos interessa os sinais das possíveis consequências do prêt-à-porter para o processo vigente da alta-costura, o que se faz notar é a maneira como escreve o jornalista, noticiando que essas informações iam contra as previsões do governo, evidenciando um esforço governamental de manutenção das aparências de progresso.

A trajetória que viria a passar a alta-costura muito desagradava Dener, tendo sido esse para alguns, o motivo que o teria levado a desistir da vida tão cedo. Muito se escreveu a respeito de sua morte, porém em entrevista para a o jornal Folha de São Paulo (1978, p.35), alguns artistas e amigos íntimos de Dener comentaram a morte do estilista. Hebe Camargo, sua amiga diz, que o que “mais admirava no Dener era seu amor pela profissão que exercia sem pensar no dinheiro” Segundo ela, “Ele passou a se desinteressar pela moda que seguiu os caminhos do “prêt-à-porter” e até pela vida, recusando-se a fazer um tratamento que poderia tê-lo

curado. Acho que ele não queria continuar a viver”. Outra amiga do estilista, a atriz e dramaturga Leilah Assunção diz,

Dener não nasceu para fazer moda do dia-a-dia e seu amor pelo trabalho só lhe permitia criar a moda da sofisticação. Assim como ele era: um homem requintado em atitudes e gostos que vivia como um príncipe. Mas isso não o proibiu de ser popular a ponto de curtir o charme da decadência de uma classe. Dener fazia parte de uma época que acabou junto com ele, por isso talvez tenha procurado a morte (FOLHA DE SÃO PAULO, 1978, p.35).

Ainda que em decadência, Dener, até o fim de sua vida, manteve sua predileção pela alta-costura, mesmo em um mundo que agora preferia as facilidades trazidas pelo prêt-à-porter. Sobre isso, na mesma matéria, a colunista “Alik Kostakis falou do esquecimento a que Dener foi renegado por parte das mulheres que passaram a preferir “uma moda mais barata exigida pela vida de hoje, a que Dener não soube e também não quis se adaptar” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1978, p. 35). Em contrapartida a esse desinteresse, em seus últimos anos de vida, a resistência de Dener aos novos caminhos da moda, resultou em iniciativas que visavam reafirmar a alta-costura nesse período de transição, iniciativas que surgem em forma de um último suspiro do estilista, na tentativa de transmitir e reafirmar seu amor à alta-costura.

Iniciativas pró-alta-costura

Como escreve Miranda (2008, p.66), a moda é o fenômeno que melhor demonstra a capacidade e a necessidade de mudanças de uma sociedade, e dessa forma se vê refletida no processo de consumo. Partindo desse pressuposto, é notável um panorama de mudanças e permanências comportamentais no final da década de 1960 e início de 1970, que auxiliam no entendimento dos novos caminhos que a moda percorria nesse período e nos permite refletir o papel do estilista nesse momento de transição. Dener sempre se esforçou para que seu nome fosse conhecido e reconhecido. Sua trajetória não se restringiu apenas ao estilismo, mas participou de programas de televisão, empreendeu associações, escreveu e desenhou para colunas de mídia impressa, lançou uma autobiografia, fez figurinos, uniformes e teve seu nome como um dos mais comentados do período, se transformando em uma verdadeira celebridade. Como uma personagem de muitas faces e interesses, essa característica não poderia ser indiferente na análise de suas

iniciativas, ao ponto em que se percebe que foram de variadas formas e em veículos de divulgação diversos, nos quais Dener empreitou reafirmar a importância da alta-costura como processo de produção de vestimentas.

Dentre essas tentativas de preservar o seu nome e a alta-costura, Dener encabeça a criação da Câmara de Alta Costura, em 1970. Sua formação e objetivos se tornam notícia no jornal *Correio da Manhã* de 18 e 19 de outubro de 1970. A Matéria *O que será a Câmara de Alta Costura* consiste em perguntas e respostas constando escrito que “Augusto de Azevedo, diretor-comercial de **Dener S. A** – Distribuidora Nacional de Moda é quem está incumbido de preparar os estatutos da Câmara Brasileira de Alta Costura” e, que por isso mesmo, seu depoimento era importante” O jornalista pergunta o que será a entidade e como funcionará, responde Augusto de Azevedo,

Antes de dizer “o que será” a Câmara Brasileira de Alta Costura, gostaria de dizer que “já é”: Uma força de coesão que reuniu em torno de si o interesse profissional dos figurinistas brasileiros, levando-os a abandonar o seu tradicional isolacionismo para somarem esforços visando a um objetivo em comum. No campo prático, a entidade será o órgão de classe dos figurinistas, atuando junto ao Governo, às indústrias têxteis e ao público em geral. Deverá defender o interesse dos seus associados, inclusive pleiteando certo grau de proteção em relação à competição externa. Fará o estudo da moda no mundo e afixação das diretrizes para a criação dos estilos de moda nacional, destinadas a orientar as indústrias. Isso quer dizer que o tom da moda brasileira será ditado pela entidade, a exemplo do que se faz na Europa. A entidade, por exemplo, organizará e patrocinará exposições, festivais, congressos e outras promoções da moda, tanto no País como no exterior, podendo ainda editar um **Figurino da Moda Brasileira**, com criações de todos os seus associados. Com finalidades didáticas, deverá editar boletins e anuários, assim como distribuir informações atualizadas aos jornais e revistas. Procurará, além disso, organizar cursos de formação profissional de figurinistas, estilistas e manequins. No campo econômico, procurará colaborar com o Governo e com as indústrias, elaborando ou assessorando a elaboração de projetos que visem a melhorar o nível tecnológico de cada setor da moda, fomentando as relações com o mercado consumidor internacional (CORREIO DA MANHÃ, 1970b).

As iniciativas propostas pela Câmara focam em proporcionar melhorias no setor da moda, desde o ensino dos ofícios relacionados, até o produto final destinado a um consumidor internacional. Augusto de Azevedo, como diretor comercial da empresa Dener S. A., reflete em suas palavras o esforço do costureiro,

por meio de sua empresa, em controlar a competição externa, ainda que inspirado pelos modelos europeus, objetivando a criação de uma moda nacional, que orientasse as indústrias, assim como a criação de um espaço para que os associados pudessem mostrar suas criações, chamada de **Figurino da Moda Brasileira**, que poderíamos apontar como ideia precursora dos desfiles de moda nacional presentes na atualidade. Como escreve Crane (2011, p.184) vemos hoje que “as organizações da moda e a mídia dominam a disseminação das inovações da moda na sociedade contemporânea, fornecendo o contexto no qual os processos interpessoais são acionados”. Nota-se que o objetivo da Câmara na década de 1970 já era esse, o de ter maior domínio na disseminação de informações de moda.

O projeto da Câmara de Alta Costura, funcionaria associado ainda a criação de uma Associação Brasileira das Indústrias de Moda (ABIM), ambicionando transformar o Brasil em exportador de moda. Nota-se um esforço em unir forças, de estilistas, associações e governo, visando a proteção e manutenção de uma indústria de Moda, fortalecendo a criação e produção de uma alta-costura brasileira. O modelo é o francês, que mantém até hoje a Câmara Sindical de Alta-Costura em Paris. Ainda que o projeto da Câmara, assim como da Associação não tenham se firmado na década de 1970, a importância dessa iniciativa, se reflete hoje, com as semanas de moda nacional, com as associações como a ABEST – Associação Brasileira de Estilistas, criada em 2003, a ABRAVEST - Associação Brasileira do Vestuário, criada em 1982 e a ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção, fundada em 1957, que inicialmente tinha foco apenas na Indústria têxtil, com o nome de Associação Paulista da Indústria Têxtil, e passou a incluir o vestuário posteriormente. O objetivo do projeto de Dener em 1970 de favorecer a exportação de uma moda brasileira também foi alcançado atualmente, não como idealizaram no período, porém ciente da realidade do país e de seu posicionamento no mercado de moda mundial.

Dentre as iniciativas de Dener para a afirmação da alta-costura, além da Câmara de alta-costura, concomitantemente o costureiro passa a escrever para mídias impressas com regularidade. Em 1970 inicia sua participação na coluna semana do jornal carioca Correio da Manhã. Nessa coluna, intitulada Bela, Além dos desenhos de suas criações, Dener também dá dicas de moda e elegância. Todos os modelos disponibilizados pelo costureiro na coluna, possuíam descrições de como

deveriam ser confeccionados, quais tecidos utilizar e como combiná-los nas diversas situações. Sua participação se manteve pelo período de 30 de agosto de 1970 a 01 de março de 1971, período em que sua iniciativa de pedagogia do vestir, reafirma a alta-costura, mesmo quando destinadas às leitoras menos endinheiradas. Pela sua divulgação da prática do faça-você-mesmo, o costureiro incentivava a reprodução de modelos Dener, de forma que a alta-costura se tornasse mais acessível. O mesmo escreve em sua coluna, “Pelo amor de Deus, não façam roupas pretenciosas, digo, criações de vocês mesmas ou cópia de modelos de alta costura assassinados por costureirinhas, mas conhecidas por modistas” (CORREIO DA MANHÃ, 1970c). Para Dener, modistas eram costureiras de baixa qualidade, visto que para ele a alta-costura consistia na riqueza de cuidado com os detalhes. Assassinar um modelo de alta-costura, poderia ser costurar um modelo Dener disponibilizado pelo Jornal, sem zelo, descuidando dos acabamentos e detalhes. Essa relação da alta-costura e da prática da costura se faz ainda mais presente em outra iniciativa do estilista no ano seguinte.

Em 1972, Dener continua a sua participação nas mídias impressas dessa vez com a sua presença em edições recorrentes da revista Manequim. A constar: “Manequim oferece a você moldes de alta-costura Dener, Dener, Dener” (MANEQUIM, 1972, p.6) A importância e reconhecimento do estilista está em diversas páginas da edição, vestir Dener, seria o máximo de elegância.

Neste número, uma surpresa: conseguimos descobrir os segredos da Alta Costura Brasileira. Era o que faltava ao nosso quadro de moda total. Quem não conhece Dener? Quem não sonhou com um vestido criado pelo famoso figurinista e costureiro? Pois bem, Dener está aqui conosco em Manequim, e pra valer. A partir deste número a leitora encontrará uma folha de moldes a mais, uma folha diferente, na qual estão traçados três modelos, assinados: Dener (MANEQUIM, 1972, p.1).

A apresentação da participação de Dener na revista faz notar a importância do estilista, o seu valor para as mulheres. Todas sabiam quem era Dener, todas haviam sonhado com um vestido Dener, e agora poderiam fazê-los em casa. Nesse sentido, escreve a respeito, “A ocasião é espetacular para você ter modelos de alta costura gastando pouco e fazer um grande sucesso. Não tenha receio de contar às suas amigas que você veste uma criação Dener” (MANEQUIM, 1972, p.6). Seus desenhos vinham com orientações sobre tecidos, combinações e ocasiões de uso,

assim como os moldes que vinham traçados e prontos para a costura para as leitoras que quisessem confeccionar seus vestidos, facilitando sua produção caseira e difundindo o conceito de alta-costura. Ainda que Dener em alguns momentos não incentivasse a alta-costura caseira, em 1972 o estilista passa a considerá-la, porém os seus modelos viriam acompanhados à um processo de ensino direcionado às leitoras para que a alta-costura caseira não destruísse a elegância, característica que o costureiro aliava à uma alta-costura de qualidade e que era considerada indispensável à um modelo Dener.

Esse direcionamento se faz presente também, e principalmente, no Curso Básico de Corte e Costura Dener, lançado no mesmo ano. Este material didático composto de três volumes, dedicado ao ensino de corte e costura, leva o seu nome, tendo a contribuição de diversos profissionais da área de moda do período. Nesses volumes a relação de proximidade entre a aprendizagem do Corte e Costura e a produção de alta-costura se faz evidente. O método apresenta lições sobre a arte de modelar, riscar e cortar peças femininas e infantis, apresentando lições práticas de como construir moldes e costurá-los, ao mesmo tempo que inclui páginas sobre vestir-se bem e de forma elegante, vestir-se assim, com a elegância de Dener. O primeiro volume do Curso, assim como os seguintes, apresenta a estreita relação entre a costura e a elegância, abordando como a elegância é influenciada pelo corte e costura. Escreve Dener,

É verdade que grande parte da beleza e elegância de uma peça de vestuário se deve ao molde, corretamente estabelecido sobre as medidas de uma determinada pessoa. Mas, se depois de passado para o pano, ele não for bem costurado, ou se tiver os arremates malfeitos, defeitos no ajuste de uma ou outra peça e um acabamento improvisado... lá se foi a elegância que o molde prometia! (ABREU, 1972a, p.119)

O costureiro aborda a costura bem feita, ou seja, a costura elegante, relacionando-a à alta-costura. Para ele os detalhes fazem a diferença na peça final. Todas as etapas de construção de uma peça de vestuário se fazem importantes, assim como a produção correta de um molde sob medida, ou seja, um molde exclusivo. Conceito contrário ao prêt-à-porter, visto a unicidade garantida pela produção de uma roupa sob medida, impossível quando transposta à ideia de produção do pronto-para-vestir. Processos de concretização da indumentária que, seguindo os ensinamentos relacionados à alta-costura, possibilitariam a elegância

que o desenho prometia. A respeito da história social da moda, comenta Daniela Calanca (2008, p.39) que “a história do vestuário, dentro de um sistema global, constituído por instituições públicas e ações individuais é uma história que deve ser reconstruída indagando-se em numerosas direções que só aparentemente parecem distantes e divergentes entre si”. Assim, ainda que as iniciativas de Dener visassem a manutenção da alta-costura frente ao prêt-à-porter, ao estudarmos a história podemos relacioná-los e perceber suas semelhanças e diferenças, visto que o prêt-à-porter se apresenta como uma forma de modernização da alta-costura e não de sua extinção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise dos escritos do estilista nas mídias pesquisadas, amparada pela sua biografia e estudos históricos do período percebe-se o processo de negação vivenciado pelo estilista, e suas consequências, resultando em iniciativas pró-alta-costura. Ainda que neste período, conflitos entre ambas as formas de produção da vestimenta se tornem inevitáveis, visto suas diferenças, os conceitos relacionados ao processo de produção de vestimentas, como a elegância, se apresentam como conceitos ímpares para analisar um período de importante transição na produção de bens culturais e de construção da nova moda chamada brasileira. Pesquisar Dener, e sua trajetória como costureiro/estilista consiste em pensá-los como patrimônio brasileiro, do qual a própria história da moda não pode ser dissociada, principalmente pela importância de sua trajetória para a história da moda nacional. É a personalidade Dener como patrimônio imaterial, se reafirmando como produtor de bens culturais materiais, como as roupas e os impressos, e imateriais, como os conceitos empregados por ele presentes em suas criações, nas quais permeiam definições de beleza e elegância, com as quais o costureiro conseguiu a façanha de tornar “bem”, vestir-se com Dener. Assim, por meio da relação desse estilista com as duas formas de produção, surgem iniciativas para defender o que esse acreditava, seja divulgando modelos, disponibilizando e popularizando moldes na mídia impressa, seja formalizando uma Câmara ou educando para a costura, à alta-costura. Mesmo resistente aos novos caminhos da moda, Dener contribuiu significativamente para a evolução desse setor, tanto nesse

período de transição, como posteriormente, deixando iniciativas para os estilistas que viriam a seguir seus passos, abrindo caminho, um caminho para pensar a moda brasileira, independentemente de sua forma de produção, utilização ou divulgação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Dener Pamplona de. **Curso básico de corte e costura**. Coordenação de Helena Aranha. 3 volumes. São Paulo: Editora Rideel LTDA, 1972a.

ABREU, Dener Pamplona de. **Dener- O luxo**. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1972b.

Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT). Disponível em: <<http://www.abit.org.br/>> Acesso em: 07 jul. 2015

Associação Brasileira de Estilistas (ABEST) <<http://www.abest.com.br/>> Acesso em: 07 jul. 2015

Associação Brasileira do Vestuário (ABRAVEST) <<http://www.abraviest.org.br/>> Acesso em: 07 jul. 2015

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Senac, 2008.

CRANE, Diana. **Ensaio sobre moda, arte e globalização**. Tradução Camila Fialho. Organização de Maria Lúcia Bueno. São Paulo: Senac, 2011.

DÓRIA, Carlos. **Bordados da fama: Uma biografia de Dener**. São Paulo: SENAC, 1998.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de moda: a relação pessoa-objeto**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

MANEQUIM. São Paulo: Editora Abril, Ano XIII, nº152, ago. 1972. Acervo Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, SP.

Sites:

CORREIO DA MANHÃ, Dener e o salário. Rio de Janeiro, n. 22638, 21 de jan.1967. 1º Caderno. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=089842>> Acesso: 20 jan. 2015.

CORREIO DA MANHÃ, A opinião de Dener. Rio de Janeiro, n. 23759, 27 e 28 set.1970a. Suplemento. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=089842>> Acesso: 20 jan. 2015.

CORREIO DA MANHÃ, O que será a Câmara de Alta Costura. Rio de Janeiro, n. 23777, 18 e 19 out. 1970b. Suplemento. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=089842>> Acesso: 20 jan. 2015.

CORREIO DA MANHÃ, Uma opinião. Rio de Janeiro, n. 23771, 11 e 12 out.1970c. Suplemento. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmulti.aspx?BIB=089842>> Acesso: 20 jan. 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. Morreu o estilo, morreu o homem. São Paulo, n.18119, 11 nov. 1978. Caderno. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1978/11/11/2/>> Acesso em: 10 mar. 2015.